

O GÊNERO GRAMATICAL NA FALA GAY E SUA (MULTI) FUNCIONALIDADE

The grammatical gender in the gay speech and its (multi) functionality

Alison Felipe GESSER³¹

Wenderson Phelipe da Silva SANTANA³²

Resumo | Este trabalho aborda a variação entre o uso de adjetivos em concordância com os gêneros masculino e feminino em predicções realizadas por homens gays, acadêmicos do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a perspectiva do funcionalismo norte-americano de Talmy Givón. Foram realizadas entrevistas orais com seis indivíduos dessa comunidade, separadamente, e a análise dos dados coletados verificou que esses sujeitos fazem uso variado de ambos os gêneros gramaticais em suas construções predicativas, podendo produzir, por exemplo, sentenças como “estou cansada” e “estou cansado” ao se referirem a si próprios. As entrevistas foram divididas em blocos temáticos e o instrumento de coleta buscou, primeiramente, verificar se os sujeitos fariam uso do gênero feminino durante a entrevista, através de perguntas que impunham uma resposta predicativa e, num segundo momento, indagá-los diretamente sobre a realização do fenômeno. Segundo os dados, fatores externos como (i) o grau de formalidade da situação comunicativa e (ii) o grau de intimidade com o interlocutor condicionam ou restringem ambos os usos, favorecendo a forma masculina em situações de maior formalidade e menor intimidade. Acerca da funcionalidade de cada variante, foram identificadas três funções desempenhadas pela forma feminina, compreendida como multifuncional: (i) função semântica representacional, cujo uso é compartilhado com a predicação masculina; (ii) funções de superlativo (+ e ++); e (iii) funções interativas (expressar ironia, brincadeira e intimidade).

Palavras-chave | Gênero gramatical. Predicação. Fala gay. Funcionalismo linguístico.

Abstract | This study approaches the variation between the use of adjectives in agreement with the masculine and feminine gender in predications made by gay men, academics of the Communication and Expression Center of the Federal University of Santa Catarina, from the perspective of the North American functionalism of Talmy Givón. Oral interviews with six individuals of this community were carried out separately, and the analysis of the collected data showed that these individuals make varied use of both grammatical genders in their predicative constructions, being able to produce, for example, sentences such as “estou cansada (I am tired with feminine gender agreement)” and “estou cansado (I am tired with masculine gender agreement)”, referring to themselves. The interviews were divided into thematic blocks and the collection instrument sought first to verify if the individuals would use the female gender during the interview, through questions that required a predicative response and, secondly, to inquire directly about the phenomenon. According to the data, external factors such as (i) the degree of formality of the communicative situation and (ii) the degree of intimacy with the interlocutor can give condition or restrict both uses, favoring the masculine form in situations of greater formality and less intimacy. Regarding the functionality of each variant, three functions performed by the feminine form, seen thus as multifunctional, were identified: (i) representational semantic function, the use that is shared with male predication; (ii) superlative functions (+ and ++); and (iii) interactive functions (to express irony, joke, and intimacy).

Keywords | Grammatical gender. Predication. Gay speech. Linguistic functionalism.

31 Gesser. UFSC. Endereço eletrônico: felipegesser@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1970-9813>

32 Santana. UFSC. Endereço eletrônico: wendersonphelipe@ymail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0411-5000>

Introdução

Sob a ótica teórico-metodológica do funcionalismo de Talmy Givón (1995, 2001), com ênfase no seu *The Functional Approach to Language and the Typological Approach to Grammar*, este trabalho propõe-se a abordar um fenômeno linguístico no nível pragmático da linguagem.

O fenômeno em análise será a variação entre o uso de adjetivos flexionados nos gêneros masculino e feminino em predicacões realizadas por homens gays estudantes do CCE/UFSC, sobre o qual se discorre na seção seguinte, juntamente com a contextualização dos antecedentes da pesquisa. Posteriormente, em seção à parte, o fenômeno linguístico é examinado a partir da perspectiva teórica já mencionada. Por fim, nas considerações finais, são expostos os pontos teóricos de maior relevância durante as análises, bem como a conclusão acerca do fenômeno investigado.

O fenômeno e antecedentes

O uso de adjetivos flexionados em ambos os gêneros nas predicacões da fala de indivíduos gays foi anteriormente analisado pelos autores deste artigo, juntamente com outros pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC, numa investigação sociolinguística (GESSER *et al.*, 2016) cujo objetivo principal era determinar se tal fenômeno constituía traço linguístico identitário do grupo observado.

Foram entrevistados, na condição de informantes anônimos, seis homens gays dentre estudantes de graduação e pós-graduação da área de Letras do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) da UFSC. Cabe destacar, então, que a conclusão a que chegou aquela análise é considerável apenas para caracterizar a comunidade homoafetiva restrita àquele ambiente, uma vez que não seria estatisticamente aceitável tomar seis sujeitos com perfis sócio-culturais muito parecidos como representantes de um grupo social muito mais amplo.

Os informantes foram ouvidos individualmente, respondendo a perguntas, primeiramente de uma entrevista tipicamente sociolinguística, em que se iniciava com temas gerais, como política e educação, e terminava em narrativas pessoais. Numa segunda etapa, foi feito um conjunto de perguntas diretas sobre o fenômeno analisado, denominado *teste de avaliação*, através do qual se pôde verificar a atitude dos falantes diante do fenômeno e a confirmação de algumas hipóteses prévias.

Durante a entrevista, apenas três dos seis informantes predicaram, naturalmente, com adjetivos no gênero feminino, usando expressões como: *eu sou aberta ao diálogo; eu posso ser muito calma; [estou] solteiríssima; eu estava montada* etc. No entanto, todos

os seis admitiram, no teste de avaliação, que fazem ou pelo menos já fizeram uso de predicação com concordância feminina, o que levou à conclusão de que, considerando aqueles sujeitos como representantes da comunidade homoafetiva masculina dos cursos de Letras no CCE, o uso do gênero feminino em predicação faz parte da identidade linguística daquela comunidade e pode ser analisado, em investigações futuras, como um fato linguístico relevante a estes indivíduos em maior âmbito.

A diferença entre o número de informantes que predicaram com flexão feminina e aqueles que não o fizeram na entrevista, mas afirmaram fazê-lo em outras ocasiões, evidencia o fato de que, apesar das duas variantes, ou seja, adjetivos flexionados no gênero masculino e adjetivos flexionados no feminino, coexistirem nas predicções desses sujeitos, elas possuem, muito provavelmente, funções semântico-pragmáticas distintas em determinadas situações comunicativas.

Variáveis independentes externas como o grau de intimidade com o interlocutor e o nível de formalidade do contexto de uso foram consideradas pelos informantes como fundamentais para a flexão feminina que ficaria, geralmente, restrita a conversas informais com pessoas próximas, preferencialmente, ligadas à comunidade LGBT.

Fica evidente, portanto, a relevância deste fato linguístico para a identidade desse grupo social e a conseqüente necessidade de estudá-lo e abordá-lo sob diferentes perspectivas. Assim, deslocando-se das limitações impostas pela ótica da sociolinguística variacionista, em que se baseou a investigação aqui mencionada, esta investigação se propõe a observar o fenômeno ora descrito sob outro olhar teórico: o funcionalismo norte-americano, como segue na próxima seção.

O fenômeno segundo Givón

Tendo-se contextualizado o fato linguístico em análise, na seção anterior, cabe localizá-lo, dentre os níveis linguísticos, essencialmente na pragmática, uma vez que ao se desconsiderar que a concordância com o feminino é realizada por um falante homoafetivo do sexo masculino – informação do nível pragmático, aparentemente indisponível na estrutura³³ –, perde-se, basicamente, a essência do fenômeno, restando, nesse sentido, apreciações sobre a morfologia atrelada ao gênero gramatical.

Nesse sentido, o funcionalismo linguístico contempla questões estruturais tanto quanto questões que estão para além da forma, levando em consideração aquilo que está em torno do uso. Em outras palavras, a abordagem funcionalista da linguagem trata

33 Tendo apenas a estrutura como parâmetro (isto é, levando-se em consideração a desinência de gênero gramatical feminino *-a* tão somente), sem maiores informações – pragmáticas – sobre o emissor da predicação, o leitor provavelmente seria levado à conclusão equivocada de que as concordâncias foram realizadas por falantes mulheres, o que seria canonicamente esperado.

- | O gênero gramatical na fala *gay* e sua (multi)funcionalidade

da relação existente entre forma(s) e função(ões), observada no uso linguístico real. Nessa direção, para os adeptos de tal perspectiva teórica, a linguagem é concebida como um instrumento de interação social; de modo que, para explicar a língua, o pesquisador deve procurar nos interlocutores, nos propósitos destes e no discurso – na situação comunicativa, propriamente –, a motivação para esclarecer os “fatos da língua” (CUNHA, 2008, p. 157).

Cabe trazer à luz as premissas que sintetizam a abordagem funcionalista elegida para esta reflexão, a partir de Givón (1995), considerado o principal nome da vertente norte-americana do funcionalismo linguístico, cujos trabalhos se caracterizam por investigar a gramática das línguas através da busca de parâmetros motivados comunicativa e cognitivamente:

- A linguagem é uma atividade sociocultural.
- A estrutura está a serviço da função cognitiva e comunicativa.
- A estrutura é maleável, motivada e não-arbitrária.
- Mudança e variação estão sempre presentes.
- O sentido é dependente do contexto.
- Gramáticas são emergentes³⁴ (GIVÓN, 1995, p. 9, tradução nossa).

Entre as etapas de um exame linguístico sob essa ótica funcionalista estão: (a) descrever as funções que estão sendo desempenhadas pelas formas linguísticas em estudo; e (b) identificar os domínios funcionais codificados pela gramática, o que pode ter como ponto de partida as formas/estruturas linguísticas em questão, tal como propõe-se a seguir.

No que tange às funções desempenhadas pelos predicados masculino e feminino, identifica-se, no emprego das predicções realizadas pelos informantes, a (i) função semântica representacional, associada ao plano da *semântica proposicional* (GIVÓN, 2001), em que a predicação feminina co-ocorre com a masculina, conforme dados extraídos do *corpus* investigado:

1. Eu me identifico como aberto ao diálogo, assim... (João³⁵, 28 anos).
2. Eu sou aberta ao diálogo, mas às vezes eu tenho um limite (João, 28 anos).

34 “Language is a social-cultural activity; structure serves cognitive or communicative function; structure is non-arbitrary, motivated, iconic; change and variation are ever-present; meaning is context-dependent and non-atomic; categories are less-than-discrete; structure is malleable, not rigid; grammars are emergent; rules of grammar allow some leakage”.

35 Os nomes apresentados ao longo da análise são fictícios e foram fornecidos pelos próprios informantes em sua *ficha social*, recurso utilizado para identificação dos falantes ao longo da pesquisa e constituição da base de dados, cf. Gesser *et al.* (2016).

3. Eu posso ser muito calma, mas eu não posso ser calmo comigo mesmo (Pierre Renoir, 23 anos).
4. Ah, eu tenho que ser loira, magra, fina (Pierre Renoir, 23 anos).
5. Eu sou inseguro, mas aí eu transpareço o contrário (Perversloup, 23 anos).
6. Eu estava montada (Perversloup, 23 anos/*Corpus* analisado).

Para Givón (2001), uma das funções primárias da linguagem humana é a representação de conhecimento/experiência. Embora seja considerada uma função básica, ela não foi ignorada durante a reflexão, pois, levando-se em consideração os dados disponíveis, sugere-se que esta é a única função comunicativa compartilhada integralmente pelas duas variantes linguísticas em estudo.

Assim, no plano da *pragmática do discurso* (GIVÓN, 2001) funções desempenhadas pela predicação feminina não foram identificadas nos predicados masculinos analisados, a saber: (ii) funções de superlativo e (iii) funções interativas. Em outras palavras, há expansão do uso de predicados femininos para outros domínios funcionais, passando a inexistir, assim, a concorrência entre as duas formas nesses contextos comunicativos, especificamente.

O quadro contrastivo a seguir sintetiza as funções identificadas no *corpus* examinado, enfatizando a expansão da predicação feminina para novos contextos de uso, comparada à masculina:

Predicação com gênero gramatical masculino: <i>estou cansado</i>	Predicação com gênero gramatical feminino: <i>estou cansada</i>
(i) Função semântica representacional	(i) Função semântica representacional
-	(ii) Funções de superlativo (+ e ++)
-	(iii) Funções interativas (ironia, brincadeira e intimidade)

Quadro 1 - Funções identificadas nas predicações da amostra

Fonte: Elaboração própria

Concernente ao item (ii), cujos usos foram interpretados como “funções de superlativo”, o emprego da concordância feminina por parte dos falantes homoafetivos do sexo masculino está associado a situações comunicativas em que o emissor deseja expressar maior intensidade. Nessa lógica, as predicações *estou cansada* (feminino) e *estou cansado* (masculino), por exemplo, exprimiriam níveis distintos de intensidade: mais e menos, respectivamente, noção reforçada pela percepção de um dos falantes entrevistados ao explicitar seu uso da concordância com o gênero gramatical feminino:

7. E eu acho que a palavra flexionada no gênero feminino tem **mais impacto**. Tipo. Você fala: “eu tô cansado” [tom sem emoção], “eu tô cansada” [tom mais expressivo]. O masculino vai ser uma coisa mais contida. Agora se eu digo “eu tô cansada”, “eu tô chateada”... Eu uso muito, muito superlativo. Também adoro falar o “íssimo”. Tenho paixão pelo “íssimo” (Pierre Renoir, 23 anos/*Corpus* analisado).

Ademais, identifica-se, nesse contexto comunicativo, a possibilidade de um superlativo “duplo” ou reforçado (++), observado em casos como o de *estou solteiríssima* – dado em (8), abaixo –, no qual o significado é ainda mais intensificado com o emprego de: morfema -íssim- + desinência de gênero feminino -a. Logo, em vez de existir concorrência entre o superlativo canônico masculino com -íssim- (*estou solteiríssimo*) e a predicação feminina (*estou solteira*), o que poderia ser esperado, parece haver um nível maior de intensidade – “duplo”, reforçado – expresso pelo superlativo feminino *estou solteiríssima* quando utilizado por um falante gay do sexo masculino:

8. A: Tem algum romance pra contar? Como está o seu coração?

B: [risos] Solteiríssima. Tô na pista... não tô procurando nada, tô bem de boas. UFSC, casa... casa, UFSC. Hoje em dia o meu foco não é procurar pessoas (Pierre Renoir, 23 anos/*Corpus* analisado).

Importa abrir um parêntese para aclarar o porquê de tal função, que tem sua manifestação no nível morfossintático, ser tratada como dependente da pragmática do discurso, retomando, em certa medida, uma das limitações do estruturalismo saussuriano já mencionada: a predicação feminina somente adquire a significação (função) de superlativo quando ocorre na interação entre os falantes – no “desempenho real”, segundo Givón (2001) – e, especificamente, se realizada por um falante homoafetivo do sexo masculino. É justamente no desempenho real que a forma se ajusta a novas funções e amplia seus significados.

No que diz respeito ao rótulo “funções interativas” – item em (iii) –, que corresponde ao agrupamento das demais funções identificadas na amostra, tal escolha se justifica pela dificuldade encontrada em nomear (e classificar) determinados usos linguísticos observados no *corpus*. Nesse sentido, o rótulo elegido – que coincide com a denominação do próprio domínio funcional –, tem inspiração no trabalho realizado por Valle (2014, p. 104, grifo da autora), no qual a autora chama a atenção para a complexidade dessa tarefa por parte do pesquisador:

Nem sempre é simples recortar um domínio funcional. Quando adentramos no campo nebuloso das funções pragmático-discursivas, é necessária a identificação de novos domínios. Um dos principais grandes domínios

funcionais ligados à pragmática-discursiva [...] é o *domínio das funções interativas*.

Ademais, conforme explica Givón (2001, p. 25-26, tradução nossa):

Muitos domínios codificados pela gramática são complexos e multidimensionais; e as dimensões subjacentes são, em princípio, escalares. Mas a codificação gramatical geralmente é escassa e categorial, pegando apenas porções ou pontos selecionados em um domínio funcional escalar, deixando outras porções sem codificação³⁶.

Isso posto, considera-se que a conclusão a que chegaram Gesser *et al.* (2016) a respeito da predicação feminina – isto é, que tal uso linguístico está relacionado a uma marca de identidade da comunidade homoafetiva do CCE/UFSC –, somada à percepção dos falantes sobre seus usos linguísticos, sinaliza a possibilidade de essa forma/estrutura linguística estar desempenhando uma determinada função comunicativa (discursivo-pragmática): expressar ironias, brincadeiras e intimidade entre os participantes da interação. Essas significações são expostas nos seguintes trechos extraídos das entrevistas que compõem o *corpus* em análise:

9. A: Você acha que tem alguma diferença entre falar uma forma ou outra? Por quê?

B: Não, acho que não. Às vezes, **brincando**, com um amigo... (Arthur AC, 31 anos).

10. Eu quando tô próximo dos meus amigos e uso o feminino, no WhatsApp ou **brincando**, a gente usa o feminino. Mas nas situações do dia a dia a gente usa o masculino (Sam, 28 anos).

11. A: Prefere “cansado” ou “cansada”? Por quê?

B: Depende da situação. Se o assunto não for tão... for **um pouco mais séria**³⁷, eu vou usar o masculino; mas se for uma **conversa casual**... tipo eu cheguei e digo “eu tô cansada, esse semestre tá...”, o feminino (Perversloup, 23 anos).

36 “Many grammar-coded domains are complex and multi-dimensional, with the underlying dimensions being, at least in principle, scalar. But grammatical coding is usually sparse and categorial, picking up only portions, or selected points, on a scalar functional domain, while leaving other portions un-coded”.

37 Nesse trecho, o informante não se refere à brincadeira, propriamente, mas diz que emprega a forma masculina para expressar seriedade. Retomando a perspectiva saussuriana, recorde-se que aquilo que constitui um signo é a sua diferença em relação a outros signos (SAUSSURE, 2007 [1916]).

12. A: Você percebe o uso de adjetivos flexionados no feminino (como “cansada”) como uma marca da identidade *gay*?

B: Ela acontece, mas às vezes eu fico em dúvida se ela não acontece porque... pela explosão que esse fenômeno teve, de concordar com o feminino. Eu não sei se ele partiu realmente de fora, se as pessoas falando foi pela internet. Mas acho que pela internet influenciou muito. **Virou meme**³⁸ e coisas como “queria estar morta”, e aí foi e passou pra fala cotidiana (Perversloup, 23 anos/*Corpus* analisado).

Além disso, pode-se refletir sobre o uso da predicação com concordância com ambos os gêneros gramaticais estar associado à noção de marcação, fenômeno dependente de contexto (GIVÓN, 2001). Para os falantes homoafetivos que empregam as duas formas linguísticas, entende-se que a predicação com o masculino seria a forma menos marcada e a predicação com o feminino, a mais marcada. Em contrapartida, quando a forma feminina é empregada por uma falante mulher, respeitando-se o cânone do português brasileiro, entende-se que essa estrutura já não é marcada.

Acerca dessa dependência de contexto, Givón (2001, p. 39, tradução nossa) considera que as “explicações substantivas sobre a marcação precisam ter um domínio específico, isto é, os correlatos cognitivo, comunicativo, sociocultural e biológico da marcação podem variar de um domínio a outro³⁹”. Logo, é importante não perder de vista que os usos linguísticos – e, assim, as funções comunicativas – expressos pelas predicações estão relacionados também aos domínios comunicativo e sociocultural, especialmente no que tange à forma feminina.

O quadro contrastivo a seguir atualiza as funções e os planos/domínios identificados no emprego das predicações masculina e feminina, considerando a amostra investigada:

38 Definição de *meme*: “Imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente através da internet, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração **humorística ou satírica** de uma imagem”. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/meme>>. Acesso em: 12 jan. 17.

39 “Substantive explanations of markedness must be domain-specific. That is, the cognitive, communicative, socio-cultural or biological correlates of markedness may vary from one domain to the next”.

Planos ou domínios funcionais	Formas linguísticas	
	Predicação com gênero gramatical masculino: <i>estou cansado</i>	Predicação com gênero gramatical feminino: <i>estou cansada</i>
Semântica proposicional ^l	(i) Função semântica representacional	(i) Função semântica representacional
Domínio da superlativação	-	(ii) Funções de superlativo: a. Superlativo + b. Superlativo ++ (reforçado)
Domínio das funções interativas	-	(iii) Funções interativas a. Ironia e brincadeira b. Intimidade

Quadro 2 – Funções⁴⁰ e planos/domínios funcionais identificados nas predicções
Fonte: Elaboração própria

Em suma, observa-se que os predicados com o gênero feminino abarcam um leque maior de funções, comparados à forma masculina. Nesse contraste, a predicação feminina seria considerada multifuncional, em termos funcionalistas. Sobre a multifuncionalidade da forma/estrutura linguística em questão, foram identificadas três possibilidades de uso: (i) *função semântica representacional*, em que há co-ocorrência das duas formas de predicado (masculino e feminino); (ii) *funções de superlativo*, com dois níveis de intensidade: + e ++, esta última correspondendo ao superlativo “duplo” ou reforçado; e, finalmente, (iii) *funções interativas*, com duas subfunções identificadas: “ironia e brincadeira” e “intimidade”.

40 Entende-se que, na verdade, as funções e domínios funcionais fazem parte dos planos maiores da linguagem, a semântica proposicional e a pragmática do discurso (GIVÓN, 2001), de maneira interligada. No entanto, a classificação da função (i) semântica representacional como mais fortemente associada à semântica proposicional parece pertinente, metodologicamente falando.

- | O gênero gramatical na fala *gay* e sua (multi)funcionalidade

Considerações finais

A reflexão concernente aos resultados obtidos a partir da análise de cunho funcionalista constatou a multifuncionalidade da predicação com concordância feminina (*estou cansada*), compreendida como a forma mais marcada, em comparação com a forma masculina (*estou cansado*), a menos marcada morfológicamente. Partindo do *corpus* analisado, constituído de transcrições de entrevistas orais com falantes homoafetivos do sexo masculino acadêmicos do CCE/UFSC, foram identificadas as seguintes funções desempenhadas pelas formas/estruturas linguísticas analisadas: (i) *função semântica representacional*, na qual há co-ocorrência das formas masculina e feminina; (ii) *funções de superlativo* (com dois níveis de intensidade: + e ++); e (iii) *funções interativas* (expressar ironia, brincadeira e intimidade entre os falantes da situação comunicativa).

No que tange às funções mencionadas em (ii) e (iii), especificamente, tais usos linguísticos se mostraram restritos à forma feminina tão somente, não sendo observados em predicados masculinos presentes na amostra analisada. Nesse sentido, considera-se que há um espraiamento da forma feminina para novos contextos de uso. Em outras palavras, observa-se uma expansão da predicação com gênero gramatical feminino para outros domínios funcionais não codificados, igualmente, pela forma masculina: o *domínio da superlativação* e o *domínio das funções interativas*.

Como sequência da pesquisa, prevê-se a ampliação da amostra contemplando um número maior de falantes com vistas a um *corpus* mais representativo da comunidade homoafetiva, não se limitando ao contexto acadêmico do CCE/UFSC. Sugere-se, ainda, que o fenômeno da variação entre os predicados masculino e feminino presente na fala de homens gays possa ser investigado a partir de outras variáveis linguísticas, bem como à luz de outras perspectivas teóricas da Linguística.

Referências

CUNHA, M. A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. v. 1. São Paulo: Contexto, 2008. p. 157-176.

GESSER, A. F.; LUNARDI, G. R.; BADARACCO, L. M. D.; SANTANA, W. P. da S. **Identidade homossexual em estudantes de Letras da UFSC**: um estudo sobre o uso do gênero gramatical feminino em predicções. 2016. 41 f. Relatório de pesquisa da disciplina de Sociolinguística e Dialetoлогия, Programa de Pós-graduação em Linguística (CCE/UFSC), Florianópolis, 2016.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax**: an introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

SAUSSURE, F de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2007 [1916].

VALLE, C. R. M. **Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos**: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição. 2014. 415 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/130926/332872.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 12 jan. 17.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: GESSER, Alison Felipe; SANTANA, Wenderson Phelipe da Silva. O gênero gramatical na fala *gay* e sua (multi)funcionalidade. **Revista do GEL**, v. 15, n. 2, p. 50-60, 2018. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v15i2.2055>

Submetido em: 27/09/2016 | **Aceito em:** 21/02/2017
